

PER-FEIÇÃO

**O modo do fazer fenomenológico existencial e dialógico,
compreensivo e implicativo, gestaltificativo**

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo*

Conteúdo

Conteúdo	1
FEIÇÃO. O MODO DE SERMOS DO ACONTECER, MODO SERMOS DO FAZER	2
PERFEIÇÃO. A TEMPORALIDADE DO ACONTECER, TEMPORALIZAÇÃO DO FAZER	3
PERFEIÇÃO. A VIVÊNCIA DA TEMPORALIDADE E DAS INTENSIDADES DO FAZER É A TEMPORALIDADE DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE FIGURA E FUNDO. É A TEMPORALIDADE DO PROCESSO DE GESTALTIFICAÇÃO.	3
POSSIBILITAÇÃO, EXPRESSÃO, PROJETAÇÃO, PERSPECTIVAÇÃO, DISEGNO, INTERPRETAÇÃO, GESTALTIFICAÇÃO, PERFEIÇÃO.	5
O MODO DE SERMOS DA PERFEIÇÃO GESTALTIFICATIVA NÃO É O MODO DE SERMOS DO SUJEITO, NEM DO OBJETO. NÃO É O MODO DE SERMOS NEM DA OBJETIVIDADE NEM DA SUBJETIVIDADE. MAS O MODO DE SERMOS DA AÇÃO, DO ATOR. QUE NÃO É OBJETIVO NEM SUBJETIVO. E QUE ESPECIFICAMENTE É O MODO DE SERMOS DESPROPOSITAL, NÃO CAUSAL, INÚTIL. E NÃO REAL. PORQUE NÃO É ACONTECIDO. MAS AÇÃO. O ACONTECER DO POSSÍVEL. PERFEIÇÃO.	6
PERCURSO DO PERFAZER, PERFORMANCE DA GESTALTIFICAÇÃO. PER-FEIÇÃO.	7

PER-FEIÇÃO

O modo do fazer fenomenológico existencial e dialógico,
compreensivo e implicativo, gestaltificativo

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo*

*Toda alegria é um saber
quase só espírito quase só infância
quase só corpo a levantar-se
da liberdade de muitas bocas.*

(Paulo Roberto do Carmo, 70, Poeta Gaúcho, em *Vida Possível*. Do livro *Códigos da Alegria*. Território das Artes). (Publicado na revista *Caras*. Janeiro 2012).

Especificamente, **feição** significa *fazer*. A **perfeição** é um *fazer*. A **perfeição** é o fazer **ontológico**. O modo de sermos do fazer. Especificamente, assim, a **perfeição** é **o modo de sermos do fazer. O modo ontológico de sermos. O modo ontológico do fazer**. Fenomenológico existencial dialógico, compreensivo e implicativo, gestaltificativo.

O **modo de sermos do fazer** é, própria e especificamente, **o modo de sermos do acontecer**. Como modo de sermos da vivência da **ação**. Própria e especificamente, **o modo de sermos da vivência compreensiva do desdobramento, da atualização, de possibilidades**. O modo assim de sermos da **ação**.

É, propriamente, um modo de sermos de *perfeccionamento*. O modo de sermos da ação é um modo de sermos de perfeccionamento da ação. Um modo de sermos de aperfeiçoamento, de otimização.

Porque é, todo ele, na momentaneidade instantânea da vivência compreensiva e implicativa de seu acontecer, o desdobramento intuitivamente compreensivo, e implicativo, de possibilidades que competem e argumentam entre si. Constituindo dominâncias. Dominâncias estas que se dão, como consciência pré-reflexiva, como figuração, nos fluxos dos processos gestaltificativos de formação de figura e fundo e de criação de coisas. A **gestaltificação**. A **perfeição**.

FEIÇÃO. O MODO DE SERMOS DO ACONTECER, MODO SERMOS DO FAZER

O modo *explicativo* de sermos, modo de sermos do **acontecido**, seja ele *explicativo teórico* ou *explicativo comportamental*, não é um acontecer, não é o modo de sermos do acontecer. E *não é*, portanto, o modo de sermos do fazer.

O modo explicativo de sermos é, própria e especificamente, o modo de sermos de repetição do feito. Da repetição do fato. Modo de sermos de repetição do acontecido.

O modo explicativo teórico de sermos tem como condição os acontecidos *sujeito*, e *objeto* – diversos do *jeto* da *ex-pressão* das possibilidades; do *projeto*, do '*projeito*', cuja *tensionalidade expressiva*, *intensionalidade*, constituído modo de sermos do acontecer.

A consciência no modo **teoreticamente explicativo de sermos**, consciência enquanto acontecido, é a consciência de um sujeito, acontecido, que contempla um objeto, igualmente acontecido. A consciência teórica não é consciência enquanto acontecer. Mas consciência teoreticamente explicativa, enquanto repetição do acontecido.

Já o modo explicativo comportamental de sermos é um modo de sermos de *desconscienciação*.

Enquanto modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva.

Quanto mais padronizada e repetitiva a atividade, quanto mais comportamental, menos consciente...

O modo ontológico de sermos do fazer, modo *implicativo* de sermos, é, especificamente, o modo de sermos do acontecer, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo. Modo de sermos no qual o desdobramento de possibilidades se constitui como consciência pré-reflexiva. A consciência compreensiva, e implicativa, gestaltificativa, perfeccionativa, fenomenológico existencial e dialógica do ator. A própria consciência da ação, e do acontecer.

Enquanto modo de sermos do acontecer, e do fazer, o modo ontológico de sermos tem características muito peculiares, e exclusivas. Características que fazem com que o modo de sermos do acontecer, apesar de ser o modo ontológico de sermos, possa causar estranheza, estranhamento.

Em particular para quem cultiva predominantemente o modo acontecido de sermos da realidade; o modo acontecido de sermos do *fato*, *do feito*; para quem cultiva o modo de sermos do feito, do *fato*. Cultivo este que Buber¹ chamaria, mais propriamente, de *fatalidade*.

¹ BUBER, Martin EU E TU.

PERFEIÇÃO. A TEMPORALIDADE DO ACONTECER, TEMPORALIZAÇÃO DO FAZER

Dentre estas características do modo ontológico de sermos do acontecer, do modo de sermos compreensivo e implicativo do fazermos, como Heidegger² observaria, sobressai a sua particular *temporalidade*. A temporalidade *ontológica*, própria e específica da vivência da ação. A temporalidade própria e específica da vivência da emergência e do desdobramento de possibilidades.

Diversa, esta temporalidade, do tempo ôntico cronométrico, cronificado, tempo coisificado do acontecido.

Kairós, o acontecer; e *Cronos*, o tempo cronificado, e coisificado, do acontecido. Como a mitologia Grega os veio a designar.

Kairós -- a vivência própria e afirmativa da oportunidade da ação, a vivência da oportunidade do desdobramento de possibilidades, a vivência afirmativa do desdobramento das forças da vivência -- é, devém como, perfaz, uma temporalidade, uma temporalização própria. A temporalização própria do desdobramento de possibilidades.

Possibilidades, e temporalidade, que especificamente se constituem como compreensão e implicação, como consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial. Uma temporalidade específica. Gestaltificativa.

E esta temporalidade é, própria e especificamente, a temporalidade da *perfeição*; a temporalidade do modo de sermos e de fazermos da *perfeição*.

PERFEIÇÃO. A VIVÊNCIA DA TEMPORALIDADE E DAS INTENSIDADES DO FAZER É A TEMPORALIDADE DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE FIGURA E FUNDO. É A TEMPORALIDADE DO PROCESSO DE GESTALTIFICAÇÃO.

Dentre outras coisas, isto quer dizer que, na constituição de suas dominâncias -- como processos vivenciativos, figurativos, de formação de figura e fundo --, as possibilidades se configuram, figuram, como consciência fenomenológica pré-reflexiva, nas temporalizações da ação.

Isto quer dizer que, nos seus desdobramentos compreensivos e implicativos, a vivência de possibilidades se constitui compreensivamente na temporalidade ontológica própria e específica da vivência de um processo de formação de figura e fundo.

Processo de formação de figura e fundo que se dá como processamento vivencial de formação de totalidades significativas, gestaltificações, e como processos vivenciais de criação de coisas. Coisas e figurações, figurações e coisas, que, caracteristicamente, se dão como tais, como totalizações significativas.

² HEIDEGGER, Martin *SER E TEMPO*.

Totalizações que, na pontualidade de suas vivências, se dão como *totalizações que são diferentes da soma de suas partes. Gestaltificações.*

Originalmente, assim, as gestaltificações -- figurações compreensivas e implicativas de dominâncias das forças de possibilidades -- se constituem como consciência pré-reflexiva. E especificamente se dão como totalizações significativas. Que são compostas, enquanto tais, por uma multiplicidade de partes. Totalizações, *gestaltificações*, compostas por partes, mas *que, enquanto totalizações, gestaltificações, são diferentes da soma de suas partes.*

Da mesma forma que são *totalizações* que se apresentam como tais, e que se constituem vivencialmente, de um modo *anterior* à sucessiva figuração, configuração, e explicitação subsequente, de suas partes. Num processo de consciência pré-reflexiva, fenomenológica, de formação de figura e fundo.

Por exemplo, a vivência da idéia da canção *Aquarela*³. É a vivência de uma totalidade significativa. Totalidade que é individualizada compreensivamente. Se me apresentarem uma parte de uma outra canção, eu saberei claramente que não é *Aquarela*.

Mas, enquanto vivencio *Aquarela*, como uma totalização significativa, como uma gestaltificação, não vivencio particularmente um, ou cada um de seus versos; não vivencio cada uma das partes/possibilidades/forças de sua totalização significativa. Vivencio o seu todo, sua gestaltificação, como tal.

Mas, especificamente, *sei* de antemão, intuitivamente, compreensiva e implicativamente, o que faz parte desta totalidade significativa, *Aquarela*. Todas as partes de sua letra estão presentemente contidas na sua gestaltificação inicial. Tanto que se me apresentam partes de uma outra canção saberei reconhecer que não é *Aquarela*.

Em seguida, posso vivenciar paulatinamente, performativamente, como desdobramento dos processos formativos de formação de figura e fundo, cada uma das partes/possibilidades, dos versos de *Aquarela*. Com seus sentidos, temporalidade e intensidades, intensificações, próprios. Posso *perfazer particularmente* cada uma das partes desta totalização. Que, inicialmente, me é dada como *todo*, como gestalt, como totalidade significativa integrada, o todo que, não só é diferente da soma de suas partes, mas que aparece como tal, anteriormente à sucessiva figuração particular de suas partes. Como gestalt, como gestaltificação. Como *perfeição*.

Assim é também, por exemplo, quando perguntamos a uma pessoa: *Como você está?*

E ela diz: *Não sei... Mas não estou bem...*

A vivência deste *não estou bem...* é a vivência de uma totalização significativa.

Quanta coisa ele sabe, ou pode, efetivamente, vir a saber, a criar, não obstante este singelo *não sei...*

³ Vinicius de Moraes e Toquinho.

O *não estou bem* é uma gestaltificação de mesmo tipo. Preenhe de partes/possibilidades/gestaltificações, potentes, possíveis, e prestes a se desdobrarem e explicitarem, como forças, possibilidades, em desdobramento, que são.

POSSIBILITAÇÃO, EXPRESSÃO, PROJETAÇÃO, PERSPECTIVAÇÃO, DISEGNO, INTERPRETAÇÃO, GESTALTIFICAÇÃO, PERFEIÇÃO.

A vivência deste *não estou bem...*, a vivência de *Aquarela*, todas as vivências, como vivências compreensiva e implicativamente figurativas da dominância de forças de possibilidades em desdobramento, é a vivência de *tensidades*. De *intensidades*. É *tensional*, É *intensional*. É, por isso, *pressão*. *Ex-pressão*. É um *projeto* No sentido de que é uma *projeção*, como ex-pressão vivencial de forças, como expressão do desdobramento de possibilidades, uma *gestaltificação*, de seu conjunto. Conjunto ex-pressivo, compreensivo e implicativo, de possibilidades, de forças, em desdobramento fenomenológico existencial, cognitivo, compreensivativo, tensional, intensional. Ação. Gestaltificação. Perfeição.

Cognitivamente, pela vivência da emergência e desdobramento de possibilidades, somos seres tensionais, intensionais, ***intensionalmente projetativos***. *Gestaltificativos – perspectivativos, disegnativos, interpretativos (hermeneuticos), perfeccionativos* --, neste sentido.

Não é outro o sentido da palavra e do conceito de *perspectiva* (que Nietzsche apreende). Não é outro o sentido do termo e do conceito de *disegno*, da pintura *perspectivativa* do Renascimento. Não é outro o sentido de *interpretação*, compreensiva, fenomenológica. O sentido de *hermeneutica*, que Heidegger⁴ elucida.

De modo que *gestaltificação, projeto, perspectiva (perspectivação), disegno, interpretação compreensiva* são rigorosamente sinônimos neste sentido. Sinônimos, igualmente, de *perfeição*.

A *gestaltificação, a projeção, perspectivação, o disegno, a perspectivação disegnativa, a interpretação compreensiva, a per-feição* de nossa vivência. Como vivência dos desdobramentos de totalizações significativas, nas quais se constituem as dominâncias dos desdobramentos de multiplicidades de possibilidades. Que, na emergência e desdobramentos de seus conjuntos, aparecem, ex-pressam-se, acontecem, como tais. E que determinam a vivência da sucessão temporal e rítmica de um processo de formação de figura e fundo, e de formação criativa de coisa, que é o modo de sermos do acontecer, o modo de sermos da ação, e do fazer. *Perfeição*.

⁴ HEIDEGGER, Martin op. Cit.

O MODO DE SERMOS DA PERFEIÇÃO GESTALTIFICATIVA NÃO É O MODO DE SERMOS DO SUJEITO, NEM DO OBJETO. NÃO É O MODO DE SERMOS NEM DA OBJETIVIDADE NEM DA SUBJETIVIDADE. MAS O MODO DE SERMOS DA AÇÃO, DO ATOR. QUE NÃO É OBJETIVO NEM SUBJETIVO. E QUE ESPECIFICAMENTE É O MODO DE SERMOS DESPROPOSITAL, NÃO CAUSAL, INÚTIL. E NÃO REAL. PORQUE NÃO É ACONTECIDO. MAS AÇÃO. O ACONTECER DO POSSÍVEL. PERFEIÇÃO.

Este modo de sermos da ação, do acontecer, e do fazer, modo de sermos da perfeição, especificamente, não é o modo de sermos do sujeito, nem do objeto. Não é o modo de sermos, *teorético*, da dicotomia sujeito-objeto.

É o modo de sermos não teorético, não explicativo, e não moralista, da ação. No qual não vigoram nem a subjetividade, nem a objetividade; no qual não vigoram as relações de causa e efeito, as relações causalidade. Em específico, é o modo ontológico de sermos da ação, do fazer, e do acontecer. É o modo inútil de sermos, o modo de sermos da inutilidade. Ou seja, é o modo de sermos no qual não vigoram nem os úteis, nem os usos, nem as utilidades.

E é o modo de sermos que, vigência de possibilidades em desdobramentos, não é o acontecido modo de sermos da realidade. Mas o modo de sermos da vigência das forças expressivas de tudo que vivenciamos, modo de sermos de vivência dos desdobramentos de possibilidades, modo de sermos da ação, da vigência da ação. Compreensiva e implicativa. Fenomenação, gestaltificação, *perfeição*.

Modo específico e próprio de um fazer, a experiência deste modo de sermos da gestaltificação, a experiência deste modo de sermos da *perfeição*, é, própria e especificamente, a **experiência estética, e a experiência poiética. A experiência poiética da experiência estética, a experiência estética da experiência poiética...** Por isso, e por ser, ação, atualização cognitiva -- fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa -- de possibilidades. *Poiese, estética*.

Um estético e poético fazer fenomenológico existencial, fenomenativo. *Per-feição*.

PERCURSO DO PERFAZER, PERFORMANCE DA GESTALTIFICAÇÃO. PER-FEIÇÃO.

Vivencial, cognitiva -- *meramente cognitiva*, ou *cognitiva e muscular* --, a atualização gestaltificativa de possibilidades -- a ação, a *perfeição*, o fazer, o acontecer --, é um movimento, uma *moção* -- *emoção* e *motivação*. Especificamente um movimento; um trânsito, um curso, um percurso. Devir.

Que transita, como movimentação vivencial -- meramente cognitiva, ou cognitiva e muscular --, a partir dos níveis pré-compreensivos da ação -- do desdobramento de possibilidades --, configurando-se *compreensivamente*, fenomenológico existencialmente -- como figuração compreensiva, como processo de formação de figura e fundo. Decaindo na condição da **coisa instalativa**.

Este **percurso** do desdobramento, da atualização, de possibilidades é assim o **percurso** vivencial da ação. **Percurso** e **percorrer** compreensivo e implicativo, gestaltificativo, fenomenológico existencial e dialógico, vivencial. É o **percorrer vivencial** do paulatino desdobramento de possibilidades. É, própria e especificamente, o fazer. É a **feição**. A **Perfeição**. É, movido pela força vivencial do possível, do existencialmente potente, o **percurso** vivencial de um *pulso*, de um *pulsar*.

Pulso vivencial este que se desencadeia, vivencialmente, na emergência pré-compreensiva das forças das possibilidades; que se prolonga como as dominâncias que figuram, que se configuram compreensivamente, como formação de figura e fundo; e que se instala como coisas.

De modo que o fazer efetivamente da ação -- que é especificamente gestaltificativo, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo --, em sendo uma *feição*, é o que entendemos como **per-feição**.

Neste sentido, a **perfeição**, assim, nada tem a ver com a *perfeição* num sentido teórico, metafísico, ou idealista. Nada tem a ver com o fazer que tentasse seguir um modelo ideal. Nada tem a ver com a comparação do feito com qualquer tipo de modelo teórico, abstrato.

A perfeição é, efetivamente, um processo vivencial, físico, portanto. Que se constitui como o **percurso** vivencial da temporalidade própria e específica do desdobramento das possibilidades. Com forças e chances intrínsecas de se otimizar, de se perfeccionar, contínua e progressivamente, em seus desdobramentos. A partir, especificamente, das competições e argumentações das possibilidades que o constituem, como processo de formação de figura e fundo de suas dominâncias.

Na medida em que a vivência da originalidade, da perene originação, e do desdobramento, de possibilidades, nas perenes competições e argumentações entre elas -- como processos de formação de figura e fundo, e de criação de coisas --, pode se dar na sua temporalidade e intensidades próprias.

De modo que, quanto mais, e melhor, nós podemos nos entregar à momentaneidade instantânea do modo de sermos da ação -- na temporalidade própria dos seus desdobramentos paulatinos de formação de figura e fundo, e de formação de coisas; na temporalidade do desdobramento compreensivo de possibilidades --, mais e melhor podemos perfeccionar a ação.

Assim, na vivência intensiva, intensional, das características próprias da momentaneidade instantânea deste modo ontológico de sermos -- características de não objetividade, nem subjetividade; de implicatividade, de não causalidade, de despropósito; características não pragmáticas, e não

realistas --, mais podemos aperfeiçoar a perfeição da riqueza, originalidade, e minúcia do desdobramento de possibilidades, como processo formativo e criativo, de formação de figura e fundo, e de criação de coisas. Mais podemos aperfeiçoar a poiética do processo de sua estética. A poiética e a estética de sua **perfeição**.

Do modo de sermos e de fazermos da **perfeição**.

Perfeccionativo...

*A vida muda lentamente
Como a cor dos frutos
A vida muda rapidamente
Como a flor em fruto
Mas quando é tempo
E é tempo todo tempo
Mas não basta um século
Para fazer a pétala
Que um só instante faz
Ou não
Mas a vida muda
(...)
(Ferreira Gullar. *Dentro da noite veloz*.).*

BIBLIOGRAFIA

ALBERTAZZI, Lilian. **The School of Brentano.**

BUBER, Martin **Eu e Tu.**

GULLAR, Ferreira **Dentro da Noite Veloz.**

HEIDEGGER, Martin **Ser e Tempo.**